

LIGA SANKOFA: ESCRIVÊNCIAS DE UM QUILOMBO ACADÊMICO

SANKOFA LEAGUE: WRITING OF AN ACADEMIC QUILOMBO

Maylla Monnik Rodrigues de Sousa Chaveiro¹

¹Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais, Brasil

RESUMO

O objetivo deste artigo é descrever e analisar a Liga Sankofa enquanto espaço de resistência, descolonização e fortalecimento de estudantes negras/es/os na universidade. A Liga Acadêmica de Relações Raciais – Sankofa foi criada no início de 2023, sendo coordenada por uma professora universitária negra e composta por um grupo de 50 pessoas negras, estudantes de uma universidade pública do interior de Minas Gerais. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa e de caráter exploratório, elaborada por meio de escrituras e autoetnografia da coordenadora docente da Liga Sankofa. Em primeiro lugar, o artigo apresenta as ações da Liga Sankofa como quilombo acadêmico propagando saberes ancestrais africanos e indígenas, rompendo com perspectivas eurocêntricas e coloniais acerca do conhecimento. Em segundo lugar, o artigo aborda a importância das mulheres negras na Liga Sankofa. Como resultados, apontamos que houve um avanço na área das relações étnico-raciais na universidade a partir das práticas de extensão universitária promovidas pela Liga Sankofa. As aulas, cursos, palestras, oficinas, mostra de filmes e simpósios possibilitaram o fortalecimento de pessoas negras como pesquisadoras, profissionais e líderes, assumindo um lugar de autonomia e protagonismo de sua própria história. Por fim, concluímos que descolonizar a universidade é fundamental para pensarmos novos processos de construção de conhecimento para que a academia seja um espaço diverso, crítico, inclusivo e transgressor.

Palavras-chave: liga acadêmica; sankofa; relações étnico-raciais; extensão universitária.

ABSTRACT

The objective of this article is to describe and analyze the Sankofa League as a space of resistance, decolonization and strengthening of black students at the university. The Academic League of Race Relations – Sankofa was created at the beginning of 2023, being coordinated by a black university professor and made up of a group of 50 black people, students at a public university in the interior of Minas Gerais. Methodologically, this is a qualitative and exploratory research, prepared through writings and autoethnography by the teaching coordinator of Liga Sankofa. Firstly, the article presents the actions of the Sankofa League as an academic quilombo propagating ancestral African and indigenous knowledge, and breaking with Eurocentric and colonial perspectives on knowledge. Secondly, the article addresses the importance of black women in the Sankofa League. As a result, we point out that there has been progress in the area of ethnic-racial relations at the university based on the university extension practices promoted



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

by the Sankofa League. The classes, courses, lectures, workshops, film shows and symposiums enabled the strengthening of black people as researchers, professionals and leaders, assuming a place of autonomy and protagonism in their own history. Finally, we conclude that decolonizing the university is fundamental for us to think about new knowledge construction processes so that the academy is a diverse, critical, inclusive and transgressive space.

Keywords: academic league; sankofa; ethnic-racial relations; university extension.

INTRODUÇÃO

O percurso desta pesquisa foi resultado de um aquilombamento acadêmico entre uma professora negra universitária e estudantes negras/es/os. O racismo estrutural (Almeida, 2019) é resultado de séculos de opressão contra pessoas africanas em diáspora no Brasil, e impõe dificuldades no acesso e permanência de estudantes negras na universidade. Desse modo, nossa existência nos espaços de construção de conhecimento científico é fundamental para que haja uma pluralidade de pensamento, contribuindo para que as opressões históricas sejam derrubadas. Ou seja, nossos corpos, mentes e espíritos negros na universidade, representam um ato político de transgressão ao sistema colonial.

Por estarmos conscientes das artimanhas do racismo, machismo, capacitismo, lgbtfofia, xenofobia, em uma reunião com duas queridas alunas negras do curso de Psicologia: Alícia Siqueira e Carine Campos Santos, criamos a Liga Acadêmica de Relações Raciais - Sankofa no início do ano de 2023. A Liga tem sido coordenada por mim, uma professora universitária negra, e composta por um grupo de aproximadamente 50 pessoas negras, estudantes da universidade federal do interior de Minas Gerais. Caracteriza-se como um programa universitário dedicado a se aprofundar na área das relações étnico-raciais, no qual promovemos aulas teóricas, cursos, palestras, oficinas, mostra de filmes, rodas de conversa e simpósios. Além disso, temos o compromisso com a execução de projetos de extensão abertos à comunidade.

Seguindo esse raciocínio, as ligas acadêmicas são importantes espaços de extensão universitária voltados a proporcionar saberes teóricos, vivências práticas e integração social por meio de eventos acadêmicos, aulas e reuniões. Assim, as ligas promovem acolhimento, autoestima e autonomia de estudantes de graduação e pós-graduação e têm ganhado cada vez mais espaço no âmbito universitário no Brasil, destacando-se pelo seu caráter participativo entre estudantes que desejam aprofundar seus conhecimentos em áreas específicas, bem como desenvolver habilidades profissionais essenciais. Configuram-se como organizações estudantis supervisionadas por docentes associadas/os a uma instituição de ensino e visam oferecer um contexto para que estudantes aprimorem seus estudos sobre uma área específica. Segundo Paulo Manuel Pêgo-Fernandes e Alessandro Wasum Mariani (2011):

[...] os pontos positivos que podem ser apontados em relação às atividades das ligas acadêmicas parecem ser preponderantes. As ligas representam uma chance a mais para o aprendizado, que acaba por ocorrer de uma forma mais dinâmica, já que as atividades são desenvolvidas pelos próprios alunos (Pêgo-Fernandes; Mariani, 2011, p. 1).

Neste artigo, amparamo-nos metodologicamente nas perspectivas de escriturais e de autoetnografia, as quais possibilitaram a elaboração de reflexões, memórias e vivências de nossas insubordinações na Liga Sankofa. A autoetnografia consiste em um método de pesquisa relacionado ao gênero autobiográfico de escrita. Desse modo, buscamos descrever e analisar as experiências pessoais a fim de compreendê-la culturalmente (Ellis; Bochner, 2000). Trata-se de uma autoetnografia de “caráter provisório, parcial e inventivo” (Silva, 2006, p. 21), desse modo, elaborei narrativas a partir de minha experiência enquanto coordenadora da Liga Sankofa, descrevendo cenas etnográficas que partem de contextos distintos. A autoetnografia pode ser entendida do seguinte modo:

[...] um método de pesquisa que: 1) utiliza a experiência pessoal do pesquisador para descrever e criticar crenças culturais, práticas, e experiências; 2) reconhece e valoriza as relações do pesquisador com os outros; 3) utiliza uma profunda e cuidadosa autorreflexão – habitualmente referida como “reflexividade” – para nomear e interrogar as interseções entre o eu e a sociedade, o particular e o geral, o pessoal e o político; 4) mostra “pessoas no processo de descoberta sobre o que fazer, como viver, e o significado de suas lutas”; 5) equilibra o rigor intelectual e metodológico, emoção, e criatividade; [e] 6) busca por justiça social e por uma vida melhor (Adams; Jones; Ellis, 2015, p. 1-2, tradução nossa).

A autoetnografia é uma forma de “escrita de si” (Foucault, 1992) que combina características da autobiografia e da etnografia. Desse modo, eu, professora negra universitária, escrevo e analiso minhas experiências pessoais de forma reflexiva. Compreendo também que minhas vivências influenciaram na construção deste espaço de extensão universitária, bem como fui atravessada pelas existências de 50 jovens negras/es/os, em especial, as mulheres pretas da Liga que foram colo e calor nos dias difíceis de resistência ao racismo institucional.

Esta pesquisa também se embasou em uma potente metodologia chamada escriturais, formulada por Conceição Evaristo, uma linguista e escritora afro-brasileira. Conceição Evaristo é uma das mais influentes literatas do movimento pós-modernista no Brasil, escrevendo nos gêneros da poesia, romance, conto e ensaio. Como pesquisadora-docente, desenvolve estudos que focam na literatura comparada. Assim, as escriturais foram o solo para a escrita deste artigo, porque foram também solo para nossas construções afro-subjetivas na Liga Sankofa. Conceição nos

ensina como resistir com leveza a partir de nossas artimanhas ancestrais. Nossas escrituras simbolizam potência porque, para pessoas negras, a palavra é força, é energia, é axé. Desse modo, a Liga Sankofa atua como um portal de retorno às nossas raízes ancestrais africanas, possibilitando que relembremos quem somos, para além do que o racismo construiu como narrativa sobre nós. Estamos reescrevendo nossa história na universidade e problematizando as narrativas acadêmicas eurocentradas, as quais tanto nos objetificaram e invisibilizaram nossos saberes tradicionais. Seguimos fortes, escrevendo sobre nós, com todo o amor do mundo, curando nossas feridas por meio do afeto. De acordo com Conceição Evaristo, o conceito de escrituras pode ser definido conforme o trecho elucidado abaixo:

Também já afirmei que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em Becos da memória é verdade, nada que está narrado em Becos da memória é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade (Evaristo, 2017, p. 10).

À luz das escrituras, este artigo tem como objetivo descrever e analisar a Liga Sankofa como espaço de resistência, descolonização e fortalecimento de jovens negras/es/os por meio da extensão universitária. O artigo está estruturado a partir da divisão em três seções: primeiramente, será apresentada a Liga Sankofa, um projeto de extensão universitária, considerada como um potente quilombo acadêmico de fortalecimento de subjetividades negras em estudantes e pesquisadoras/es, bem como espaço para processo entrada e de permanência de pessoas negras na universidade. Em seguida, este artigo versará sobre o papel crucial das mulheres negras pertencentes à Liga Sankofa. Por fim, apresentaremos as considerações finais do texto. Este trabalho não tem a pretensão de esgotar a temática, mas se configura como uma tentativa de somar esforços na luta de populações subalternizadas historicamente, como pessoas negras, indígenas, mulheres, pessoas LGBTQIAPN+. Esperamos também que este artigo motive outras pessoas negras no processo de criação, ou no fortalecimento de projetos de extensão nos campi pelo Brasil a partir de nossas próprias experiências subjetivas.

LIGA SANKOFA: NOSSO QUILOMBO ACADÊMICO

Recebemos, dos nossos ancestrais, a herança dos quilombos africanos, e deixaremos para os nossos descendentes a criação positiva do Quilombismo.

*É esta a nossa celebração.
(Abdias do Nascimento)*

A Liga Sankofa abrange o ensino, a pesquisa e a extensão, com a intenção de promover debates, a conscientização da população de Uberaba e desenvolver espaços de escutas, de rodas de conversa e divulgação de saberes. A Liga é composta por coordenação, constituída por uma diretora docente e por discentes na composição de: 1) direção geral, 2) direção de extensão, 3) direção de pesquisa, 4) direção de ensino, 5) direção de design e 6) direção administrativa. Todas as pessoas da coordenação são negras e, em sua maioria, mulheres. As reuniões e o programa da Liga são desenvolvidos de acordo com o cronograma estabelecido no início de cada semestre.

O objetivo da Liga Sankofa é promover discussões que fomentem o fortalecimento da memória ancestral africana a partir da extensão universitária. Tem como objetivos específicos promover a participação em seminários, cursos, congressos e debates que abordem o tema, e visa produzir trabalhos científicos para contribuir com a construção do conhecimento cultural que dialogue com os temas: cultura, raça, cor e etnia. Também busca desenvolver a difusão de conhecimentos voltados à cultura africana, afro-brasileira e indígena na universidade, como práxis educativa e de reconhecimento, valorizando a reconstrução de memórias de processos culturais das comunidades negras e indígenas. Outro aspecto da Liga Sankofa é difundir a noção de branquitude como uma racialidade construída historicamente enquanto ficção de superioridade, a qual produz e legitima a violência racial contra grupos sociais não-brancos e beneficia os brancos dando a eles privilégios materiais e simbólicos (Bento, 2022; Schucman, 2014).

Pretendemos apresentar, com este artigo, uma prática de extensão acadêmica resultante do aquilombamento entre pessoas negras em uma universidade: mulheres negras, pessoas negras LGBTQIAPN+ e pessoas negras com deficiência. Em outros termos, este estudo representa a diversidade negra produzindo extensão universitária, e também se nutrindo existencialmente das ações da extensão universitária afrocentrada em suas vidas. O nome da Liga foi inspirado pelo adinkra Sankofa (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer), o qual se origina de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Em Akan “se wo were fi na wosan kofa a yenki” que pode ser traduzido por “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”. Como um símbolo Adinkra, Sankofa pode ser representado como um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro.

O Adinkra inspirou a criação da logomarca da Liga Sankofa, sendo produzida por Sara Santos Dias Costa, integrante da equipe do design da coordenação. Esta imagem representou para nós, o mais profundo vínculo entre pessoas negras na universidade, pois com a delimitação do nome e do material gráfico da Liga Sankofa, nós nos aproximamos em torno de um objetivo em comum, além de sinalizarmos para pessoas não-negras na

universidade, que estávamos conscientes acerca das tramas e armadilhas do racismo estrutural e institucional. Abaixo segue a imagem de nossa logo:

Figura 1 – Identidade visual da Liga Sankofa.



Fonte: Instagram @larer.uftm.

Desse modo, a Liga Acadêmica Sankofa tem atuado como importante espaço de extensão universitária responsável por oferecer ferramentas para que estudantes possam tornar-se negras/es/os, ou seja, denegrir¹ os saberes dentro da universidade. Para isso, proporcionamos recursos psicológicos, sociais e culturais para que as pessoas integrantes da Liga Sankofa desenvolvam a capacidade de agenciar suas próprias vidas com autonomia, ou seja, por meio da perspectiva da afrocentricidade difundida por Molefi Kete Asante (2009). Sendo assim, esta extensão universitária não foca suas ações nas consequências avassaladoras do racismo em nossas vidas, mas procuramos reforçar todas as potencialidades e grandes feitos que a história narrada pelo viés eurocêntrico fez questão de apagar. Dito de outro modo, o ponto central é a narrativa africana em perspectiva pré-colonial (Asante, 2009; Oyěwùmí, 2021).

Seguindo esse raciocínio, muitas aulas da Liga Sankofa buscaram trazer elementos da cultura dos povos yorubas, dos povos bantos e da ancestralidade afro-brasileira, a qual se construiu a partir de elementos muito singulares. Evidenciamos nossas raízes a partir do resgate de saberes tradicionais e a partir de construções afetivas. Nossos encontros evidenciavam a circularidade, a oralidade, a memória, a musicalidade, o comunitarismo e a energia vital/axé (Oliveira, 2007). As práticas de extensão da Liga Sankofa estiveram assentadas em nossa própria história, o que é fundamental para a união do povo negro em diáspora. De acordo com Cheikh Anta Diop, historiador, antropólogo, físico e político senegalês:

É preciso conhecer a história dos outros, mas é preciso primeiro conhecer a si mesmo. Porque se não um povo que perde a sua memória histórica se torna um povo frágil, um povo sem união. É a consciência histórica que nos permite sermos um povo forte (Diop, 1974, p. 93).

Pensando em tal aspecto, na Liga Sankofa as pessoas negras não são “recortes”, mas o centro das teorias e práticas. Assumimos lugar de sujeitas construindo o nosso presente por meio de práticas de extensão universitária, apesar de todo passado de violência colonial. Tal posicionamento foi possível porque incorporamos a noção de que somos pessoas negras na universidade, ou seja, os processos de subjetivação se desviaram da noção de mito da democracia racial, tão impregnada na sociedade brasileira.

Nesse aspecto, acreditamos que o mito da democracia racial nas universidades pode corroborar para a negação de hierarquias sociais e de privilégios que alicerçam as dinâmicas sociais. Segundo Kabengele Munanga, antropólogo e professor brasileiro-congolês:

O mito de democracia racial, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não-brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão dos quais são vítimas na sociedade. Ou seja, encobre os conflitos raciais, possibilitando a todos se reconhecerem como brasileiros e afastando das comunidades subalternas a tomada de consciência de suas características culturais que teriam contribuído para a construção e expressão de uma identidade própria. Essas características são ‘expropriadas’, ‘dominadas’ e ‘convertidas’ em símbolos nacionais pelas elites dirigentes (Munanga, 2004, p. 89).

Por se tratar de uma extensão composta por estudantes negras/e/os, a Liga Sankofa também se dedica a oferecer assessorias acadêmicas para que haja um fortalecimento do povo negro no contexto acadêmico, a fim de romper com as barreiras do racismo institucional. Desse modo, estimulamos a produção científica por pessoas negras, a partir de referenciais que sejam afrocentrados, ou perspectivas interseccionais de decoloniais do conhecimento. Em função do racismo estrutural que afeta a autoimagem e o sistema psicológico de negras/es/os (Chaveiro, 2024), há muitas barreiras que dificultam a escrita e a produção científica deste grupo de pessoas.

Sabendo disso, a equipe da Liga Sankofa promoveu vários contextos em que discutíamos sobre aspectos sociológicos da ciência. Os frutos puderam ser notados, pois nos aquilombamos para que nossas produções científicas pudessem divulgadas, aumentando a autoestima de estudantes

negras/es/os. Entendemos que a construção de pesquisas científicas a partir de nossos próprios valores culturais requer um processo de descolonização subjetiva (Fanon, 2008; Chaveiro, 2024) para transgredir ao sistema colonial que impôs uma noção de universalidade e hierarquia do pensamento europeu e ocidental em detrimento de saberes africanos e indígenas.

Sobre esse ponto, a autora Sueli Carneiro (2005) utiliza conceitos como epistemicídio para propor uma compreensão das práticas discursivas racistas no Brasil. A autora demonstra a existência de um contrato social que sela um acordo de exclusão social e subalternização dos negros, no qual o epistemicídio cumpre uma função estratégica de tecnologia do biopoder.

Alia-se nesse processo de banimento social a exclusão das oportunidades educacionais, o principal ativo para a mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio (Carneiro, 2005, p. 97).

A Liga Acadêmica de Relações Étnico-Raciais - Sankofa é comprometida com a construção de uma sociedade antirracista. Desse modo estabelecemos objetivos consistentes e ações coordenadas que possam oferecer oportunidades de reflexão sobre a maneira como estabelecemos as relações étnico-raciais, considerando, sobretudo, as transformações do modo como nos posicionamos diante dessa pauta. Construir uma educação antirracista exige uma atuação sistemática em várias frentes: na seleção de materiais didáticos, na elaboração e no desenvolvimento de propostas pedagógicas, na formação continuada de educadores e demais colaboradores, na efetivação de políticas de ação afirmativa para a contratação de profissionais, na criação de programas para a inclusão e permanência de alunas e alunos negros e indígenas. Entendemos que uma universidade que se propõe a ser antirracista precisa pensar e desenvolver ações estruturadas para atingir seus objetivos.

Figura 2 – Primeira aula da Liga Sankofa em 20 de julho de 2023

Fonte: Instagram @larer.uftm.

Em muitos de nossos encontros e reuniões, falávamos de como esse



espaço de extensão universitária representava um quilombo acadêmico para estudantes negras/es/os. Segundo Abdias do Nascimento, poeta, escritor, dramaturgo, artista visual e ativista pan-africanista, fundador do Teatro Experimental do Negro, o quilombo (2009), se baseia: “na reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial” (2009, p. 205) do negro brasileiro com os seus. Abdias afirma o seguinte:

Direitos de soberania, de autodeterminação e de protagonismo histórico. O quilombismo nos ensina que nós, negros, precisamos construir nossas próprias instituições independentes e progressistas, consolidar nossa coesão e força política, reconstruindo e fortalecendo a nossa comunidade negra para podermos sobreviver numa sociedade racista (Nascimento, 1982, p. 32).

Este quilombamento acadêmico se tornou possível em função do estabelecimento de políticas afirmativas no ensino superior público brasileiro nos anos 2000 foi amparada por meio da Lei Federal nº 12.711/2012 (comumente reconhecida como Lei de Cotas), tornando-se uma ferramenta potente de reparação e um importante marco político para a história da ampliação do acesso ao ensino superior por pessoas negras e indígenas no Brasil. Desse modo, a Lei de Cotas possibilita a democratização do acesso ao ensino superior no país, ou seja, há mais pessoas negras nos bancos das universidades, o que justifica a necessidade e urgência da ampliação de projetos de extensão coordenados por docentes e discentes negras, e direcionados às pessoas negras na sociedade brasileira.

Silvio Almeida em seu livro, *Racismo Estrutural* (2019) propõe que o racismo apresenta duas dimensões: 1) uma dimensão estrutural, a qual está alicerçada nos sistemas jurídicos, políticos, econômicos e ideológicos, resultando na subalternização histórica do povo negro; e 2) uma dimensão institucional, que se desdobra no âmbito de alguma organização específica,

revelando processos de tratamento diferenciado e violências aos corpos negros que tentam acessar esses espaços. Desse modo, a Liga Sankofa atuou de forma que estudantes negras/es/os pudessem identificar e mapear práticas racistas, machistas, lgbtqiapn+fóbicas, capacitistas, etaristas, adultocêntricas, no âmbito acadêmico. Assim, pudemos traçar estratégias perspicazes para realizar extensão universitária que fosse contrária à perpetuação da colonialidade (Quijano, 2005).

A partir da Liga Sankofa, discutimos acerca dos seguintes temas: raça e racismo na constituição do sujeito (Negritude, Branquitude e Mestiçagem); epistemologias afrocentradas e epistemologias decoloniais; intervenção psicossocial para promoção da igualdade étnico-racial; movimentos sociais e políticas públicas de ações afirmativas; estratégias para promoção da igualdade étnico-racial; alcances e possibilidades do conceito de Interseccionalidade em Ciências Humanas; produção, exibição e políticas de visibilidade para indígenas, afrodiaspóricos e LGBTQIAP+; a noção de decolonialidade como campo emancipatório no que tange às relações de poder, saber e ser; sujeito geopoliticamente situados no eixo Sul; Eurocentrismo e Colonialidade.

A Liga Sankofa atuou de forma direta no combate ao racismo religioso e aos discursos de ódio, por meio de reuniões, palestras e encontros que abordem a história, o legado e a relevância das religiões afro brasileiras na atualidade. De acordo com Sidnei Nogueira (2020): “O racismo religioso quer matar a existência, eliminar crenças, apagar memórias, silenciar origens” (p. 123). Foram organizados alguns eventos, como palestras, rodas de conversa sobre os itans de orixás e da potência da ancestralidade africana. Nos posts do instagram, também oferecemos informações sobre obras e autoras negras com contribuições importantes.

Figura 3 – Cartaz dos eventos e posts do instagram.



Fonte: Instagram @larer.uftm e colagem de Camila Reis e Laercio Oliveira.

Seguindo essas temáticas, foram realizados simpósios e encontros com os movimentos sociais da cidade. Todos esses eventos alcançaram a comunidade externa e acadêmica como participantes. No que diz respeito à relação ensino-prática, aulas preparatórias para a vivência da extensão foram ministradas a fim de aprofundar o entendimento da coordenação e das ligantes frente ao trabalho com a comunidade acadêmica e a comunidade externa.

MULHERES NEGRAS NA LIGA SANKOFA

*“É aprender a tomar nossas diferenças e torná-las forças.
Pois as ferramentas do senhor nunca vão dismantelar a casa-grande.*

*Elas podem nos permitir a temporariamente vencê-lo no seu próprio jogo,
mas elas nunca nos permitirão trazer à tona mudança genuína.”*
(Audre Lorde)

As integrantes da Liga Sankofa são, em sua maioria, mulheres negras. Cada uma delas com experiências peculiares de vida, trazendo seus saberes ancestrais na construção de estratégias para o fortalecimento do povo negro na universidade. Durante nossas reuniões de equipe, desvelávamos os atravessamentos mais íntimos de nossa existência. Algumas experiências, simplesmente, saltavam para fora em forma de palavras, e simbolizavam o quanto era importante para nós que as outras mulheres soubessem o que se passava ali dentro. Havia lágrimas, arte, comida, sorrisos, abraços e muito afeto em cada reunião. Além de ser um espaço de extensão universitária para a comunidade, a Liga Sankofa é também um lugar seguro de afeto entre nós, mulheres negras em uma universidade pública.

Na academia, sentimos, constantemente, um peso que paira sobre nós. O peso dos eixos de opressão, interseccionados nos marcadores de raça, gênero, classe social, religiosidade, orientação sexual. O medo de não sermos vistas como cientistas, pesquisadoras, como produtoras de conhecimento, e, por isso, termos nossas práticas silenciadas. O medo de não sermos validadas em nossas elaborações intelectuais. Diante desse sentimento tão complexo e fruto de séculos de opressões múltiplas, a Liga Sankofa, para mim, simboliza também um elo, ou seja, aquilo que nos “liga” em torno de ações institucionais de extensão, mas que cumpre com um papel que vai muito além da universidade. Na Liga, somos protagonistas de nossas histórias e podemos criar experiências potentes alicerçadas pela riqueza da cultura africana.

Nós nos inspiramos em muitas teóricas negras ao longo deste período. Uma delas, foi Audre Lorde, uma educadora e escritora negra, lésbica, feminista, mãe de dois filhos, que nasceu nos Estados Unidos em 1934. Assim como Audre Lorde, muitas vezes me vi como uma “irmã *outsider*” (Lorde, 2020a), ou seja, uma forasteira, uma intrusa, alguém bem distante dos vieses brancos, heterossexuais, cristãos e burgueses. Muitas vezes comentei com as alunas que, a depender de quem te elogia, você deve estar fazendo seu trabalho de maneira equivocada. Perder o medo de não ser amada por todas as pessoas é uma etapa importante para a reconstrução de nossa própria afro-subjetividade. Elucidávamos nossas diferenças e fazíamos dessas diferenças a nossa força. Somos mulheres com trajetórias muito distintas, cada uma de um canto do país, com desejos e anseios distintos. Porém, um objetivo comum nos atravessava: o desejo de construir possibilidades existenciais afrocentradas e permeadas de afeto. Sabemos que mulheres negras carregam em si uma força ancestral capaz de desestruturar os padrões engessados da colonialidade e, na união dessas forças que pensamos ser possível a elaboração de novos modos de resistência. Seguindo Audre Lorde:

Então não posso separar minha vida e minha poesia.
Escrevo minha vida e vivo meu trabalho. E encontro
verdades que espero sejam capazes de alcançar outras

mulheres, de levar riqueza, além das diferenças em nossas trajetórias, as diferenças no amor, no trabalho. Porque é no compartilhamento dessas diferenças que encontramos o crescimento. É no interior dessas diferenças que encontro o crescimento, se for honesto suficiente para falar de tudo o que sou, de meus amores, rancores, erros, assim como das minhas forças. Sinto, e aposto minha vida e meu modo de vida nisso, que nos fortalecemos quando fazemos aquilo que exige que sejamos fortes (Lorde, 2020b).

Muitas de nós da Liga Sankofa, somos mulheres negras, lésbicas e de axé (candomblé e umbanda), o que tornam as violências ainda mais nítidas. Na universidade, lutamos contra os negativos estereótipos endereçados a nós, por meio da proposição de eventos e ações educativas que tragam mais informações sobre as religiões de matriz africana, e que concedam o protagonismo às mulheres negras de axé. Um desses eventos foi o *Aláfia: Saberes Ancestrais*. O evento foi realizado na universidade e contou com a participação de Iyalorixás, Yawôs, Ebomis, Terno de Congado Penacho e artistas locais. No evento em homenagem à Iyalorixá Bernadete Pacífico, discutimos sobre a importância de reafirmar a luta pelo direito à terra e ao culto aos ancestrais africanos, além de refletir sobre a necessidade do fortalecimento de políticas públicas que protejam os povos de terreiro.

Trouxemos textos que refletiram sobre o matriarcado a partir da sociedade yorubá em contexto pré-colonial como alternativa para se opor ao patriarcado. Por exemplo, discutimos o pensamento de Oyèrónké Oyewùmí professora de Sociologia nos Estados Unidos, desenvolvendo pesquisa interdisciplinar nas áreas de sociologia de gênero e conhecimento, estudos africanos. Oyewùmí nos desperta o interesse sobre sentidos africanos para os discursos ocidentais de gênero. Sua obra nos convida a elaborar metacríticas profundas sobre o lugar das mulheres negras em sociedades coloniais.

Ser mulher negra em um país racista e machista como o Brasil é um enorme desafio. Temos consciência dessas dificuldades e nós apoiamos nas reflexões de Lélia Gonzalez acerca da perspectiva de “pensar “desde dentro” as culturas indígenas e africanas como resistência enquanto estratégia de ação (Gonzalez, 1983, 1988). Segundo essa oferta teórica de Lélia, é imprescindível que nossa cultura, organizações políticas e sociais, idiomas, religiões, costumes, tradições, tecnologias e manifestações artísticas sejam ressaltados, como forma de fortalecer a negritude na sociedade brasileira. Partindo dessa premissa, pensamos desde dentro nossas ações de extensão universitária como maneira de manter nossos saberes na academia. Pensando desde dentro, não precisamos nos diminuir para caber nos moldes limitados do eurocentrismo no ensino superior.

Outro ponto que gostaria de destacar sobre nosso quilombo acadêmico, é a potência do amor como tecnologia ancestral de ensino e de aprendizagem na Liga Sankofa. O amor e a amizade entre pessoas negras tem sido um elo para curar nossas cicatrizes seculares. No desenvolvimento

da Liga Sankofa, em muitas reuniões de equipe, refletimos sobre várias teorias, movimentos estratégicos, posicionamentos políticos, tudo de maneira muito cuidadosa e sendo guiadas pelo amor pelo povo negro.

Segundo Bell Hooks:

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura (Hooks, 2010).

Ser mulher e negra em uma sociedade racista, misógina e machista, tem sido um enorme desafio, mas apostamos na força de nossos elos mais nobres para que possamos nos fortalecer e deixar emergir em nós as memórias africanas mais sublimes e potentes. Através do amor por nós, por nosso povo, por nossas crianças, poderemos seguir vivendo em um terreno tão insalubre e opressor. As mulheres negras da Liga Sankofa representam a força de nossas antepassadas. Os afetos entrelaçaram nossa história na comunidade acadêmica. Afinal, foi através da reunião inicial de três mulheres negras que a Liga Sankofa pôde ser idealizada e concretizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo desenvolveu argumentos para afirmarmos que houve um avanço na área das relações étnico-raciais na universidade a partir das práticas de extensão universitária promovidas pela Liga Sankofa. As aulas, cursos, palestras, oficinas, mostra de filmes e simpósios possibilitaram o fortalecimento de pessoas negras como pesquisadoras, profissionais e líderes, assumindo um lugar de autonomia e protagonismo de sua própria história. Concordamos que as ações de extensão promovidas pela Liga Acadêmica de Relações Étnico-Raciais - Sankofa, visaram à reflexão e à melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem nos cursos/áreas da universidade em questão. São projetos que possibilitam a qualificação e o aprimoramento do processo de ensino e de aprendizagem da instituição.

Evidencia-se, assim, o caráter antirracista das ações, que também pretendem oferecer subsídios para a atuação das/os jovens como multiplicadoras/es dessas informações em suas famílias e comunidades. Essa atuação em extensão universitária possibilita a democratização do conhecimento, na medida em que divulgamos o histórico racista na sociedade brasileira e a história africana contada pela narrativa das pessoas negras, e não dos colonizadores.

Nesse sentido, concordamos com a tese da autora Nilma Lino Gomes, a qual afirma que os movimentos negros são educadores da sociedade (Gomes, 2017), pois produz saberes nas esferas sociais, culturais e políticas, além de elucidar quais são as rebuscadas estratégias do racismo em nossa sociedade. Em suma, a Liga Sankofa se materializa como um movimento negro, o qual educa a comunidade acadêmica e a sociedade, reeducando a si mesma através da descolonização subjetiva e científica.

A Liga Sankofa como proposta de quilombo acadêmico buscou resistência ao racismo (Almeida, 2019), ao machismo, ao cisheteropatriarcado (Akotirene, 2018) e à necropolítica (Mbembe, 2018) através do artifício de extensão universitária. Desse modo, buscamos sensibilizar a comunidade acadêmica para a importância da temática étnico-racial, oportunizando discussões sobre o reconhecimento e valorização das diversidades culturais, possibilitando a releitura e a valorização delas. As ações da Liga Sankofa atuaram no reconhecimento e valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro e indígena e da diversidade da nação brasileira, em prol do combate ao racismo e à discriminação que atingem a nossa sociedade, particularmente, afetando os contingentes afrodescendentes e indígenas.

Buscamos educar para a formação de atitudes, posturas e valores que conscientizem e eduquem as pessoas a respeito de seu pertencimento étnico-racial, para a interação e construção de uma sociedade democrática, comprometida com a igualdade e com a garantia de direitos. Nesse sentido, em nossas ações, convidamos as pessoas brancas a pensarem seu lugar social como detentoras de privilégios simbólicos e materiais em uma sociedade racializada.

Este projeto de extensão universitária dialoga diretamente com o direito de pessoas negras e indígenas no combate ao racismo por meio da valorização e respeito à história e cultura afro-brasileira e indígena, com base na Lei Federal nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileiras e Africanas e a Lei Federal nº 11.645/08, que inclui o ensino da História e Cultura Indígena no sistema de ensino. Isto porque, muitas pessoas pertencentes à Liga Sankofa são estudantes de cursos de licenciatura e estarão, futuramente, atuando nas redes de ensino. Também oferecemos discussões acerca da valorização estético-política da identidade afrodiaspórica (Chaveiro, 2020), problematizando o racismo estético e seus efeitos ideológicos sobre a subjetividade de pessoas negras. Por fim, concluímos que descolonizar a universidade é fundamental para pensarmos novos processos de construção de conhecimento um espaço crítico, inclusivo e transgressor (Hooks, 2017).

REFERÊNCIAS

ADAMS, Tony E.; JONES, Stacy H.; ELLIS, Carolyn.

Autoethnography: understanding qualitative research. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2015.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2018.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural.** Rio de Janeiro: Pólen, 2019.

ASANTE, Molefi. Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora.** São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 17 dez. 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso em: 17 dez. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 17 dez. 2024.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. **Cabelos crespos em movimento (s): infância e relações étnico-raciais.** 2020. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. **Psicologia clínica africana: teoria e prática.** 1. ed. São Paulo: Editora dialética, 2024. v. 1.

DIOB, Cheikh Anta. **The african origin of civilization: Mith or Reality?** Westport: Lawrence Hill, 1974.

ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity: Researcher as Subject. *In*: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna (ed.). **The handbook of qualitative research**. London: Sage, 2000. p. 733-766.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michael. A escrita de si. *In*: FOUCAULT, Michael. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. São Paulo: Vozes, 2019.

GONZALEZ, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". *In*: SILVA, Luiz Antonio Machado da *et al.* **Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos**. Brasília, DF: ANPOCS, 1983. p. 223-244.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6409966/mod_resource/content/2/2.%20Lelia%20Gonzalez_A%20categoria%20pol%C3%ADtico-cultural%20de%20amefricanidade.pdf. Acesso em: 17 dez. 2024.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

hooks, Bell. Vivendo de amor. **Geledés**, 9 mar. 2010. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigosdegenero/4799-vivendo-de-amor>. Acesso: 15 mar. 2015.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a.

LORDE, Audre. **Sou sua irmã: Escritos reunidos e inéditos**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Ubu, 2020b. *E-book*.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Tradução . Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoIdentidadeEEtnia.pdf. Acesso em: 13 jan. 2025.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a Educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 93, p. 62-73, maio/out. 2012. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/7033/5556>. Acesso em: 29 jul. 2016.

OLIVEIRA, Eduardo de. **Filosofia da Ancestralidade**: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira. Curitiba: Editora gráfica popular, 2007.

OYEWÛMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PÊGO-FERNANDES, Paulo Manuel; MARIANI, Alessandro Wasum. O ensino médico além da graduação: ligas acadêmicas. **Diagn. tratamento**, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 50-51, 2011. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-592275>. Acesso em: 17 dez. 2024.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 116-142.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 83-94, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/ZFbbkSv735mbMC5HHCsG3sF/>. Acesso em: 17 dez. 2024.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

NOTAS

- ¹ Nesta passagem, utilizamos o conceito de denegrir conforme elucidada Renato Noguera: “Com o objetivo de desnudar o conceito de denegrir, palavra que literalmente só significa: tornar-se negra(o), isto é, enegrecer” (Noguera, 2012, p. 66).

Maylla Monnik Rodrigues de Sousa Chaveiro

mayllachaveiro@gmail.com

Docente na Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7581-105X>